

MELHOR DO QUE UM TROFÉU

GRACE WITWER HOUSHOLDER

Já no início da temporada, meu marido me disse que esse seria seu último ano como treinador de beisebol.

Depois de dez anos como treinador, ele amava tanto o beisebol e as crianças que não conseguia fazer nada pela metade. Os 100% de dedicação e os muitos treinos extraordinários cobravam um preço muito alto, físico e emocional. Ele me disse que já era tempo de virar espectador novamente.

Nos torneios, o time dele, formado por garotos de 10 e 11 anos, tinha o melhor desempenho da liga de beisebol. Eles haviam melhorado muito e parecia que, dessa vez, trariam troféus para casa.

No entanto, os jogadores foram assolados pela gripe naquela noite, à véspera da decisão.

Na última entrada defensiva, um dos jogadores que estava doente, o melhor bateador do time, não conseguiu rebater a bola.

Com lágrimas rolando pela face, disse ao treinador que não conseguia nem ficar em pé. Ele precisava deitar-se. O time teria de rebater fora de ordem e receber a terceira e última bola boa, o que os eliminaria.

Só eu sabia como seria doloroso para meu marido encerrar sua carreira de treinador com uma derrota dessas.

Três dias mais tarde, essa carta de um dos juízes do jogo apareceu no jornal local:

No torneio da liga principal de beisebol dos juniores, realizado após a temporada, presenciei um exemplo maravilhoso do que o esporte deveria ser para a juventude. Antes do jogo, dois jogadores de um dos times ficaram doentes, nuas, mesmo assim, queriam jogar. O treinador aceitou a decisão deles e os colocou na armação do time.

Na parte final da última entrada, o time estava vencendo por duas corridas, mas não conseguiu rebater duas bolas boas, quando o bateador seguinte, conforme a sequência da escalação do time, seria um dos jogadores vitimados pela gripe. Apesar de seu jogo de rebatidas violentas, houve um momento em que o rapaz não mais conseguiu vencer sua doença. Ele simplesmente não conseguia rebater. Conforme as regras oficiais do beisebol, que norteavam a partida, isso significava que o time teria de rebater fora de ordem e se submeter à terceira e última bola boa.

O treinador poderia ter questionado as regras e tentar persuadir o treinador do outro time a conceder uma bola boa a mais sem rebatida. Ele, porém, decidiu não fazer isso. Os jogadores desse time poderiam ter desprezado os companheiros de equipe que estavam indispostos, mas, em vez disso, os confortaram. Os fãs poderiam ter escolhido pleitear mudança com a comissão de dirigentes responsáveis e incitar o treinador a agir, mas eles escolheram consolar seus amigos.

Em uma época em que vencer parece ser a única possibilidade, ninguém do lado perdedor deu nenhuma desculpa ou apelou de forma ultrajante. Aceitaram a derrota conforme as regras do jogo.

O jogo de beisebol pode ser visto como um microcosmo da vida real. Algumas vezes as rupturas podem ser a nosso favor; mas outras vezes não. Você pode obedecer às regras e encarar as consequências, ou pode não seguir as regras e prejudicar outra pessoa. O treinador demonstrou que, embora as regras possam às vezes não estar do nosso lado, elas não deixam de ser regras, e obedecê-las pode ser muito melhor do que perder a dignidade e comprometer o espírito do jogo. As crianças podem ter até chorado, pois a temporada para elas acabou, mas o que conquistaram naquela noite terá uma ação muito mais duradoura do que as lágrimas.

Um dia depois que esta carta foi enviada ao editor do jornal local, meu marido recebeu a seguinte carta de um dos jogadores de dez anos:

Obrigado por ter sido meu técnico. Você fez com que nos aperfeiçoássemos. Sei que a derrota foi um aborrecimento para você, pois havia vencido a temporada por dois anos consecutivos. No entanto, você nunca perdeu o controle, mas, quando isso quase acontecia, você sorria.

Meu marido e seu time entraram no torneio e queriam um troféu. No entanto, conseguiram algo muito melhor.

*O juiz que escreveu esta carta foi Brian Mien.